



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA

CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE

CURSO DE TERAPIA OCUPACIONAL

O RAP COMO RECURSO PARA A TERAPIA OCUPACIONAL SOCIAL NAS  
ESCOLAS

KAÍQUE DE ABREU CAJÚ

João Pessoa  
2018

KAÍQUE DE ABREU CAJÚ

O RAP COMO RECURSO PARA A TERAPIA OCUPACIONAL SOCIAL  
NAS ESCOLAS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a Conclusão do Curso de Bacharelado em Terapia Ocupacional da Universidade Federal da Paraíba.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Ms. Beatriz Prado Pereira  
Co orientadora: Prof.<sup>a</sup> Ms. Joana Rostirolla Batista de Souza

João Pessoa  
2018

**Catálogo na publicação**  
**Seção de Catalogação e Classificação**

C139r Caju, Kaique de Abreu.

O Rap como recurso da terapia ocupacional social nas escolas / Kaique de Abreu Caju. - João Pessoa, 2018.  
48 f. : il.

Orientação: Beatriz Prado Pereira.

Coorientação: Joana Rostirolla Batista de Souza.  
Monografia (Graduação) - UFPE/CCS.

1. Terapia Ocupacional Social. 2. Juventudes. 3.  
Oficinas de atividades. I. Pereira, Beatriz Prado. II.  
de Souza, Joana Rostirolla Batista. III. Título.

UFPE/BC

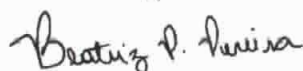
KAÍQUE DE ABREU CAJÚ

O RAP COMO RECURSO PARA A TERAPIA OCUPACIONAL SOCIAL NAS  
ESCOLAS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a Conclusão do  
Curso de Bacharelado em Terapia Ocupacional da Universidade Federal da Paraíba,  
apreciado pela banca examinadora composta pelos seguintes membros:

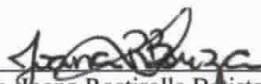
Aprovado em: 05/06/2018

COMISSÃO EXAMINADORA



---

Profª. Ms. Beatriz Prado Pereira  
Universidade Federal da Paraíba



---

Profª. Ms. Joana Rostirolla Batista de Souza  
Universidade Federal da Paraíba



---

Profª. Dra. Carolina Couto da Mata  
Universidade Federal da Paraíba



---

Profª. Dra. Iara Falleiros Braga  
Universidade Federal da Paraíba

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente, gostaria de agradecer aos meus familiares pelo incentivo, apoio e cooperação durante este processo; pois, além de terem me acolhido durante toda a vida, compartilharam comigo todos os momentos de tristezas, alegrias, angústias e esperanças vividos nesta etapa final do curso.

Dedico este trabalho a toda cultura do Hip Hop, em todas as suas vertentes e faces artísticas, e principalmente ao cenário do Rap de João Pessoa, que me ofereceu inspiração e aprendizado suficiente para tornar possível esta pesquisa.

Agradeço a Universidade Federal da Paraíba, direção, administração, seu corpo docente, em especial às professoras Beatriz e Joana, pelas orientações, paciência, incentivo e participação neste processo singular e tão importante da minha trajetória acadêmica e pessoal.

Por fim, agradeço a todos que acreditaram e participaram direta ou indiretamente ao longo deste processo.

## **RESUMO**

O Rap como um meio de educação informal, transforma o lazer de muitos jovens em uma forma de luta e resistência. Considerando que a cultura, como direito social, é um elemento importante para o desenvolvimento e rompimento com a lógica da desigualdade social e que as oficinas culturais, para a terapia ocupacional, se configuram como momentos de compartilhamento de ações pertinentes ao contexto dos indivíduos e grupos, este trabalho teve como objetivo discutir o uso do Rap como possibilidade de recurso de intervenção para a Terapia Ocupacional Social com jovens em escolas públicas; e, mais especificamente analisar como o Rap pode promover a autonomia, participação e protagonismo dos jovens sobre a temática direitos humanos e diversidade na escola. Trata-se de um relato de experiência, cujos pressupostos metodológicos são da pesquisa participativa, que descreve a experiência da utilização do Rap, realizado por meio de oficinas de atividades, como recurso da Terapia Ocupacional Social para promoção da emancipação e participação social dos participantes. As oficinas de atividades apontaram eficácia e o interesse na reflexão sobre o uso do Rap como recurso de intervenção da Terapia Ocupacional Social e contribuir para diversas formas de expressão, possibilitar debates sobre várias temáticas relevantes para a emancipação, independência e autonomia dos jovens, tornando-os indivíduos críticos e reflexivos sobre seu papel na sociedade, possibilitando sua participação e inserção social. Almeja-se continuidade desta pesquisa, para comprovar com fidedignidade o Rap enquanto recurso para ser trabalhado com jovens na escola e enquanto recurso da Terapia Ocupacional Social, restando a sugestão, de verificar se o Rap se faz eficaz se trabalhado com outras faixas etárias e camadas sociais.

**Palavras-chave:** Terapia Ocupacional Social; Juventudes; Oficinas de Atividades.

## **ABSTRACT**

Rap as a means of informal education, transforms the leisure of many young people into a form of struggle and resistance. Considering that culture as a social right is an important element for the development and break with the logic of social inequality and that cultural workshops for occupational therapy are configured as moments of sharing of actions pertinent to the context of individuals and groups, this study aimed to discuss the use of Rap as an intervention resource for Social Occupational Therapy with young people in public schools; and, more specifically, to analyze how Rap can promote the autonomy, participation and protagonism of young people on the theme of human rights and diversity in the school. This is an experience report, whose methodological assumptions are of the participatory research, which describes the experience of using Rap, carried out through workshops of activities, as a resource of Occupational Social Therapy to promote the emancipation and social participation of the participants. The workshops showed effectiveness and interest in reflecting on the use of Rap as an intervention resource for Occupational Social Therapy and contribute to various forms of expression, enabling debates on various themes relevant to the emancipation, independence and autonomy of young people, the critical and reflexive individuals about their role in society, enabling their participation and social insertion. It is hoped continuity of this research, to reliably prove the Rap as a resource to be worked with young people in school and as a resource of Occupational Social Therapy, remaining the suggestion, to verify if the Rap becomes effective if worked with other age groups and layers social policies.

Palavras-chave: Occupational Social Therapy; Youths; Activity Workshops.

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

MC - Mestre de cerimônia

RAP – Rhythm and Poetry

DJ – Disc Jockey

MEC – Ministério de Educação e Cultura

IBGE – Índice Brasileiro de Geografia e Estatística

## SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO E ESCOLHA DO TEMA.....	8
2. INTRODUÇÃO.....	11
3. OBJETIVOS.....	16
3.1 Objetivo Geral .....	16
3.2 Objetivos Específicos .....	16
4. CAMINHOS PARA A COMPOSIÇÃO DO CAMPO EMPÍRICO.....	17
4.1 Metodologia e local da pesquisa.....	17
4.2 Procedimentos metodológicos e aspectos éticos .....	17
4.3 Alguns obstáculos e dificuldades apresentadas .....	19
5. RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	21
5.1 O desenvolvimento das Oficinas de Atividade.....	21
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	38
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	39
8.APÊNDICES .....	41
Apêndice 1 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido .....	41
Apêndice 2 - Termo de Assentimento Livre e Esclarecido .....	44
Apêndice 3 – Folder .....	46
Apêndice 4 - Rap dos Direitos Humanos e diversidade na escola .....	47

## 1. APRESENTAÇÃO E ESCOLHA DO TEMA

O presente estudo tem como foco o uso do Rap como um recurso para o trabalho com jovens nas escolas públicas, pela perspectiva da Terapia Ocupacional Social.

A afinidade pela temática surge do interesse do pesquisador pelo Rap desde a época da escola. Onde o mesmo sempre gostou de fazer rimas com os amigos no final da aula, e ficavam rimando na saída da escola, até que esses momentos acabaram, mas ele continuou praticando sozinho ou em outros lugares.

Lembrando de um professor que rimava na sala de aula, fazendo perguntas para os alunos em forma de rima, e falava que se alguém perguntasse algo rimando, ele tentaria responder à pergunta com rimas também, então eu tentava estudar a matéria dele só para ter algumas dúvidas e fazer perguntas na sala de aula e poder vê-lo rimar, isso acabou gerando o meu interesse e de outros colegas em sua matéria.

Com esse sentimento em minha memória, me fez acreditar que o Rap pode ser uma ferramenta que desperte o interesse e estimule a aprendizagem, a interação e a sociabilidade principalmente nos jovens, um público comumente mais familiarizado com essa cultura.

Após alguns anos, treinando em casa e na internet com amigos virtuais, eu finalmente tive coragem de participar da primeira Batalha de MC<sup>1</sup> na cidade onde eu moro. Esse dia simplesmente mudou a minha vida, mudou a forma como eu enxergava o Rap, diminuiu meu nervosismo e ansiedade para falar em público e me fez acreditar que eu poderia fazer muito mais com essa habilidade adquirida.

Já na graduação em terapia ocupacional, tive a oportunidade de vivenciar uma experiência na disciplina *Áreas de Intervenção em Terapia Ocupacional e Cenários de Prática IV*, que teve como objetivo estudar, refletir e vivenciar duas subáreas da terapia ocupacional, a saber: Terapia Ocupacional Social e Terapia Ocupacional na Educação. A disciplina foi ministrada pelas professoras Beatriz Prado Pereira e Joana Rostirolla Batista de Souza, e o tema “Direitos Humanos e Diversidade na Escola”, foi desenvolvido no componente prático da mesma, com turmas do 7º e do 8º ano, de 12 escolas municipais da cidade de João Pessoa, Paraíba.

---

<sup>1</sup> A batalha de MC é uma das principais atrações do Rap. Pode ser dividida em duas categorias: Batalha de sangue, que ocorre quando dois ou mais cantores se atacam verbalmente com rimas improvisadas e a plateia e os jurados decidem o vencedor. E a Batalha do Conhecimento, que os cantores vão rimar de improviso sobre determinado tema ou assunto que pode ser escolhido pela plateia ou sorteado na hora, e em seguida é feito a votação para decidir o vencedor.

Desenvolvemos uma dinâmica para dialogar sobre o tema Direitos Humanos e diversidade com os adolescentes e jovens da escola; dividimos a sala em cinco círculos, e fazíamos perguntas sobre o gosto pessoal, características físicas e sobre religião dos participantes, e eles escolheriam o lugar no qual melhor se encaixavam. Em seguida fizemos perguntas referentes aos seus direitos; quem tem direito a educação? Quem tem direito a saúde? Quem tem direito a comida? Depois perguntamos se os mesmos direitos que eles afirmaram ter eram de boa qualidade e se todos tinham acesso.

Em seguida, fizemos uma discussão sobre a atividade, sobre os principais pontos levantados, que foram as diferenças e semelhanças percebidas ao decorrer da dinâmica, e que no final todos afirmaram ter os mesmos direitos, independentemente de suas escolhas e características. Então pedimos que eles dissessem uma palavra sobre o que entenderam e acharam da atividade, que eu iria fazer um Rap de improviso com aquelas palavras. Eles falaram palavras como: respeito, diferenças, direitos e liberdade. Então percebi que, enquanto estava fazendo o Rap, o silêncio da sala foi total, percebi todos os olhos voltados para mim com bastante atenção e interesse, e as conversas paralelas que ainda existiam no ambiente encerraram-se na hora.

Eu senti que poderia fazer isso no início da dinâmica, para conseguir estabelecer um vínculo e um interesse pela atividade seguinte com os estudantes e, assim, eu fiz nas escolas seguintes. Como esperado, deu muito certo, eu conseguia entretê-los e motivá-los a participar da dinâmica nos primeiros minutos em que eu entrava na sala, facilitando a atividade e aumentando o aprendizado da mesma.

Sendo assim, a motivação em realizar o trabalho em tela, parte da tentativa de potencializar formas alternativas de comunicação com os jovens, a liberdade de expressão, o ensino na técnica, mas principalmente na análise do processo da construção do Rap como recurso para a terapia ocupacional social, em práticas que acontecem nos espaços formais de educação.

Nesse escopo de experiência, passamos a questionar: o Rap pode ser uma possibilidade de recurso utilizado nas escolas? Como a escola poderia lidar com o uso do Rap para se aproximar das demandas e necessidades dos adolescentes e jovens? Como a terapia ocupacional pode utilizar o Rap como uma tecnologia social para proporcionar autonomia e participação social de jovens? Ao compor as perguntas e buscar referenciais

teóricos e dados empíricos para respondê-las, a monografia se compõe em três seções, que serão apresentadas a seguir.

## 2. INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como temática a utilização do Rap como uma possibilidade de recurso para o trabalho com jovens nas escolas públicas, pela perspectiva da Terapia Ocupacional Social.

Segundo a definição apresentada por colegas da Universidade de São Paulo (USP) (1997), Terapia Ocupacional tem um papel de suma importância na sociedade, qual seja o de intervir nas áreas da saúde, educação e no campo social, utilizando técnicas orientadas para a autonomia e independência de pessoas que, por razões ligadas à problemas: sensorial, física, mental, psicológico e/ou sociais apresentam temporariamente ou definitivamente dificuldade na inserção e participação na vida social.

“Dessa forma, abordar o contexto social sob o qual se dá a ação profissional é condição *sine qua non* para se falar do trabalho do terapeuta ocupacional” (MALFITANO, 2016, p.118).

Considerando que o objetivo do terapeuta ocupacional é centrado na emancipação e autonomia dos sujeitos, é indispensável que se faça uma leitura de base materialista-histórica para compreender a dinâmica social, incluindo conceituações sobre a estrutura da sociedade capitalista e suas implicações com o mundo do trabalho e as diferentes possibilidades de inserção social dos sujeitos, para que assim, o terapeuta ocupacional dedique-se ao desenvolvimento de ações que possibilitem, facilitem e criem formas de inserção e participação na vida social (MALFITANO, 2016).

A Terapia Ocupacional Social está voltada ao desenvolvimento de ações pela busca de emancipação e autonomia dos sujeitos os quais têm impedimentos e/ou dificuldades socioeconômicas para o acesso aos seus direitos sociais. Trata-se de colocar em foco os sujeitos, individuais e coletivos, com destaque para a sua posição social e, com isso, as possibilidades constituídas em seus cotidianos, compreendendo o terapeuta ocupacional como um profissional capacitado para criar estratégias conjuntas de ampliação de oportunidades (MALFITANO, 2016, p. 124).

Vale destacar que não se trata de pré-definir qual é a forma “correta” de inserção social, ou estabelecer modelos padronizados e morais de participação na vida social, mas reconhecer as múltiplas formas de integração, inclusive as marginais e ilegais, e mediar esse

processo, quase sempre conflitivo, de acesso a alguns bens sociais e as possibilidades de participação autônoma na vida social (MALFITANO, 2016)

Quando se fala em juventudes, consideramos a escola como um potente equipamento social, sendo imprescindível a discussão sobre a educação brasileira. Dermeval Saviani (2008)

No livro; “Escola e Democracia”, ele apresenta duas teorias sobre a educação, denominando-as de “teorias não-críticas” e “teorias crítico-reprodutivas”, na qual a primeira teoria apresenta uma forma de superar as desigualdades educacionais, enquanto a segunda legítima e favorece a discriminação social.

Segundo Bourdieu (2009), ele acredita que a escola tem a função de conservar e reproduzir as classes e desigualdades sociais, na qual a ação pedagógica tende a reproduzir a cultura dominante, garantindo a ortodoxia contra a individualidade.

Pérez Gomez (1998 apud CARDOSO; LARA, 2009) acrescenta que a escola tem a função de preparar as novas gerações para sua participação no mundo do trabalho e na vida pública, promovendo sua socialização, sendo um lugar de transformação, apesar de também acreditar que ela é conservadora e reprodutora.

Sabemos que a escola pública brasileira tem passado por um intenso processo de transformação, conseguindo tornar a educação como direito respaldado, juridicamente, por diversos documentos, inclusive aqueles de caráter internacional. O artigo XXVI da Declaração Universal dos Direitos Humanos, de 1948 traz que: “Toda pessoa tem direito a instrução. A instrução será gratuita, pelo menos nos graus elementares e fundamentais. A instrução elementar será obrigatória. A instrução técnico-profissional será acessível a todos, bem como a instrução superior, estará baseada no mérito” (ONU, 1948).

Entretanto, sabemos que garantir o acesso de crianças, jovens e adultos nas escolas não é o bastante para garantir uma educação de qualidade (LOPES, SILVA, MALFITANO, 2006; LOPES, SILVA, 2007).

De acordo com Ferreira Jr e Bittar (2006), existem três grandes problemas na conjunção educacional da atualidade: o acesso, a permanência e a aprendizagem efetiva, dentre os quais o professor tem influência direta na permanência e aprendizagem, se tiver uma formação adequada e uma remuneração condizente.

Entretanto, o direito à educação democrática, que é definido pela equidade e qualidade para todos, ainda permanece como meta a ser alcançada (LOPES, SILVA, MALFITANO, 2006).

O Censo da Educação (2015), 3 milhões de crianças entre 4 e 17 anos estão sem acesso à escola, e aos que têm acesso, apenas 77,8% chegam ao 3º ano do Fundamental com aprendizagem adequada a leitura. A formação inadequada dos professores também é um fator importante, de mais de 518 mil professores na rede pública do país, 200 mil dão aula em uma área diferente da que se formaram.

Mas o professor não é e não tem que ser o único responsável pela educação. De acordo com Bourdieu (1999), Lopes e Silva, (2007) o sistema escolar favorece e dá legitimidade às desigualdades sociais e culturais, onde a escola, historicamente, é o próprio agente de exclusão, transformando a experiência do aluno e abrindo uma crise de sentido nos estudos.

Bourdieu (1999) ainda acrescenta que existe uma herança cultural que influencia diretamente no desempenho escolar, pois quanto maior for o nível cultural dos pais ou avós, maior a probabilidade de êxito escolar por parte da criança, e que é a atitude da família a respeito da escola que determinará o prosseguimento ou não dos estudos.

Essa herança cultural é transmitida de maneira osmótica, reforçando principalmente nas classes superiores, que suas aptidões e atitudes são oriundas de seus talentos naturais, e não de uma herança cultural que lhes proporcionaram o acesso a esse conhecimento, logo, as vantagens e desvantagens sociais e culturais, são progressivamente, convertidas em vantagens e desvantagens escolares (BOURDIEU, 1999).

Portanto, enquanto não tivermos promoção de melhorias no ensino, por meio de políticas públicas voltadas à uma educação para todos, focando no ensino daqueles que têm dificuldades ao acesso por conta da sua classe social, deficiência física ou outras dificuldades, não será possível reduzir a desigualdade educacional e mesmo a desigualdade social (LOPES et al, 2006).

Com isto, instala-se um paradoxo: pois, se por um lado a escola tem a função de emancipar os indivíduos, possibilitando-os compreender os processos de submissão e dominação aos quais estão expostos (propiciando emancipação e autonomia), levando-os a resistir e buscar por transformações; por outro lado ela favorece as desigualdades sociais e

em vez de contribuir para a emancipação dos sujeitos, institui quem chegará até o sucesso por meio dos estudos e quem não o logrará (LOPES, SILVA, 2007; BOURDIEU, 2008 apud LOPES et al., 2011).

Temos uma parcela significativa dos jovens que são excluídos das escolas no Brasil, na qual enfrentam um processo de violência e discriminação que é produzida no próprio contexto escolar, além da falta de suporte familiar, gerando uma sobrecarga na vida desses jovens, que necessitam conciliar trabalho e estudo para ajudar na renda familiar, devido à falta de condições ou apoio para se dedicarem integralmente aos estudos (LOPES, SILVA, 2007; FREITAS, 2009).

A intervenção terapêutico-ocupacional sempre considerou a escola como equipamento social relevante que, historicamente, permitiu o acesso de grupos populares à visibilidade social, experiências educacionais, culturais e que possibilitaram melhores condições de vida. É neste contexto repleto de contradições que a terapia ocupacional social compreende as implicações de suas ações no campo da educação e da juventude (LOPES; SILVA, 2007).

Em um trabalho desenvolvido por Silva, Cardinalli e Silvestrini (2014) foi possível perceber que na subjetividade do fazer artístico as pessoas têm mais facilidade e abertura para compartilhar suas histórias, seus pensamentos, sofrimentos e conquistas, expressando-se com mais espontaneidade e permitindo-se ser conhecida e conhecer o outro. A arte é uma potente ferramenta de sensibilização, um canal que liga as pessoas e proporciona as mais sinceras emoções do seu individual, mesmo que feita em coletivo.

Considerando que a cultura é um elemento importante para o desenvolvimento e rompimento com a lógica da desigualdade social; considerando que as oficinas culturais, para a terapia ocupacional, se configuram como momentos de compartilhamento de ações pertinentes aos contextos dos indivíduos e grupos; e que a cultura, antes de tudo é um direito social garantido pelo Estado (ALVES, 2015; BARDI, 2016; MORAIS, 2016).

Temos a importância de trabalharmos a temática da diversidade e os direitos humanos, que têm como marco importante a Declaração Universal dos Direitos Humanos, da Organização das Nações Unidas, de 1948 (SILVA, 2016). A qual preconiza que todo indivíduo, em qualquer lugar, deve “ser reconhecido como pessoa perante a lei”. Entretanto, não é segredo que a desigualdade social frente ao mundo globalizado neoliberal dificulta a real efetivação dos direitos humanos (ONU, 1948, artigo VI).

Se por um lado, todos os direitos humanos são de extrema importância e indissociáveis da construção enquanto seres humanos de cada um de nós, por outro lado, há uma enorme barreira para sua efetivação em relação a todas suas gerações, em especial, no que diz respeito aos direitos sociais, econômicos e culturais, e no bojo da construção desses direitos sociais, vale ressaltar a importância de apontar a inclusão da cultura como direito básico (SILVA, 2016).

O Rap pode ser utilizado como mecanismo de inclusão da cultura, bem como fortalecedor dos direitos sociais servindo de voz ativa para a comunidade. Como um movimento de cultura juvenil, o *Hip Hop* surgiu nos Estados Unidos na década de 60 a partir de práticas culturais dos jovens negros e latino-americanos, sendo composto por quatro elementos básicos: o *DJ*<sup>2</sup>, o grafite<sup>3</sup>, o *break*<sup>4</sup> e o Mestre de cerimônia<sup>5</sup>. A cultura *Hip Hop* constitui, um sistema orientador das práticas culturais e das atitudes da juventude de periferia e apresenta uma gama diversa de linguagens artísticas (STOPPA, 2005; MAGRO, 2002, WELLER, 2000; SILVA, 1999 apud ALVES, OLIVEIRA, CHAVES, 2015).

O *Hip Hop* tem sido percebido por estudiosos como um movimento social juvenil que possibilita a mobilização social, cidadania e conscientização dos jovens, fortalecendo a função da escola de preparar as novas gerações para a socialização e participação no mundo do trabalho, e, paralelamente e de forma entrelaçada com a juventude, o movimento constitui uma cultura de contestação e protesto perante a desigualdade, evidenciando seu caráter sociopolítico (MAGRO, 2002).

O Rap é a principal expressão artística da cultura *Hip Hop*, pode ser utilizado como um meio de educação informal, transformando o lazer de muitos jovens em uma forma de luta e resistência, atraindo as pessoas a raciocinar e querer saber, de maneira espontânea e

---

<sup>2</sup>Um **DJ** é uma sigla em inglês que significa *discjockey*, Operador de discos, que faz bases e colagens rítmicas sobre as quais se articulam os outros elementos, no *Hip Hop* o DJ é responsável por criar batidas possibilitando *B.Boys* a dançarem e *MCs* a cantarem.

<sup>3</sup>Expressão plástica, o grafite representa desenhos, apelidos ou mensagens sobre qualquer assunto, feitas com *spray* rolinho e pincel em muros ou paredes. Sendo considerado por muitos uma forma de arte e é usado por muitos como forma de expressão e denúncia.

<sup>4</sup>Breakdance (também conhecido como breaking ou b-boy em alguns lugares) é um estilo de dança de rua, parte da cultura do *Hip Hop*, normalmente dançada ao som do Rap ou de músicas eletrônicas.

<sup>5</sup>Mestre de Cerimônia, também conhecido como MC ou Rapper, tem o papel de porta-voz que relata, através de rimas, os problemas, carências e experiências em geral dos guetos. Não só descreve, mas também lança mensagens de alerta e orientação.

carregada de valores, estimulando uma noção crítica de seus ouvintes e cantores (MAGRO, 2002).

A força pedagógica do Rap em parceria com escolas públicas pode se evidenciar com a relação exercida pelo projeto “*Rap...ensando a Educação*”, que foi desenvolvido pela administração pública popular da prefeitura de São Paulo, no início da década de 90, onde grupos como Racionais MC e DMN, cantavam, faziam palestras e discutiam com os alunos, pais e professores assuntos como violência escolar e discriminação racial (MAGRO, 2002).

Diante desse contexto apresentado, apontamos aqui o interesse em refletir sobre o uso do Rap como recurso de intervenção da Terapia Ocupacional Social e contribuir para diversas formas de expressão, possibilitar debates sobre várias temáticas relevantes para a emancipação, independência e autonomia dos jovens, tornando-os indivíduos críticos e reflexivos sobre seu papel na sociedade, possibilitando sua participação e inserção social.

### **3. OBJETIVOS**

#### **3.1 OBJETIVO GERAL**

Discutir o uso do Rap como possibilidade de recurso de intervenção para a Terapia Ocupacional Social com jovens em escolas públicas.

#### **3.2 OBJETIVOS ESPECIFICOS**

- Analisar como o Rap pode promover a autonomia, participação e protagonismo dos jovens sobre a temática direitos humanos e diversidade na escola.
- Relatar como o Rap, por meio de oficinas de atividades, pode proporcionar a identificação de diferentes demandas abordadas pelos jovens.
- Compartilhar com profissionais e estudantes de diferentes áreas do conhecimento, possibilidades da utilização do Rap como recurso mediador para o estabelecimento de vínculo com jovens.

## **4. CAMINHOS PARA A COMPOSIÇÃO DO CAMPO EMPÍRICO**

### **4.1. Metodologia e Local da pesquisa**

Trata-se de um relato de experiência, cujos pressupostos metodológicos são da pesquisa participativa, tendo como objetivo descrever a experiência da utilização do Rap, realizado através de oficinas de atividades, como recurso da Terapia Ocupacional Social para promoção da emancipação e participação social dos participantes.

Nesse sentido pode-se perceber que essa metodologia permite a articulação pesquisa-extensão e traz resultados ao processo de aprendizagem, o que ratifica a importância da indissociabilidade ensino-pesquisa e extensão, pilar fundamental da instituição universitária. (PIMENTEL, S. S. et al., 2012, p.3)

A pesquisa em tela foi desenvolvida na cidade de João Pessoa (PB), em uma Escola Municipal de Ensino Fundamental. O motivo dessa escolha se deu a partir de uma experiência anterior em que o pesquisador teve durante o 6º período do curso de Terapia Ocupacional na disciplina de *Áreas de Intervenção em Terapia Ocupacional e Cenários de Prática IV – Terapia Ocupacional Social e na Educação* na qual foram realizadas dinâmicas sobre Diversidade e Direitos Humanos com os estudantes do oitavo ano da mesma escola. Após essa intervenção, três estudantes da escola mantiveram contato com o pesquisador, e sugeriram que outras atividades fossem desenvolvidas no próximo ano, dando incentivo para que esta pesquisa viesse acontecer.

Primeiramente, foi apresentado o projeto de pesquisa à Secretaria de Educação e Cultura (SEDEC) do município de João Pessoa e após autorização, o mesmo projeto foi direcionado à diretora da escola escolhida. O projeto de pesquisa foi aceito porém, a diretora apresentou obstáculos e possíveis dificuldades que seriam encontradas para o desenvolvimento da proposta. Com isso foram pensadas e elaboradas estratégias para a prevenção dos possíveis “problemas” previstos pela diretora.

### **4.2. Procedimentos metodológicos e aspectos éticos**

A Terapia Ocupacional Social buscou nos referenciais das ciências humanas e sociais a base teórica para construir metodologias de abordagens individuais e coletivas, visando dotar os profissionais de competência técnica e política a fim de atuarem em outros campos

para além da saúde. Construiu uma base teórico-metodológica própria, lançando mão de diferentes tecnologias de intervenção, capaz de impulsionar a atuação na área social, promovendo a integração e a articulação de ações nas dimensões macro e microsocial da vida em sociedade (MALFITANO, 2016; LOPES, et al., 2014).

Entre essas tecnologias destacam-se: a) as *Oficinas de Atividades, Dinâmicas e Projetos* enquanto recursos mediadores do trabalho de aproximação, acompanhamento, apreensão das demandas e fortalecimento dos sujeitos, tendo como foco o uso das atividades em espaços grupais e/ou coletivos, no qual o terapeuta ocupacional deve ter domínio, que permitiu conhecer o universo dos sujeitos, estabelecer vínculos, além de ser um espaço que concebe aos participantes serem seres ativos do seu próprio processo de aprendizado, construção de subjetividade, da sua ação e reflexão (LOPES et al., 2014).

Foram desenvolvidas sete Oficinas, nos meses de março e abril de 2018. Elas ocorreram dentro da Escola Municipal de Ensino Fundamental, todas as terças-feiras das 9h até 11h30, com oito participantes, sendo duas meninas e seis meninos do 9º ano da escola, que estudavam no período da tarde.

Os dados foram coletados por meio de Diário de Campo que pode ser considerado uma potente ferramenta de pesquisa, no qual o pesquisador pode anotar as conversas informais, impressões pessoais, observações de comportamento, auxiliando na análise do objeto de investigação (MUSQUIM; BELLATO; LUCIETTO, 2013).

Alguns momentos da oficina foram gravados, com a finalidade de auxiliar na construção do Diário de Campo. Foi respeitada a vontade dos estudantes que não quiseram serem gravados durante a oficina. As informações registradas foram organizadas por categorias de análise e discutidas a partir do objetivo proposto.

Optamos pela estratégia das *Oficinas de Atividades*, pois esta permite um contato mais próximo com os jovens, promovendo um maior contato e interação social entre os participantes, além de ser um espaço de criação e expressão sobre o seu contexto (BARDI et al., 2016).

A pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e para garantir que os procedimentos estavam protegidos pela ética na pesquisa com seres humanos, foram respeitados, sempre, os valores culturais, sociais, morais, religiosos e éticos, bem como os hábitos e costumes. Além da consideração com os riscos e benefícios

para a população envolvida, prezando pelo cuidado com as informações colhidas durante os processos (BRASIL, 1996).

Participaram das Oficinas os jovens que, após o convite, se disponibilizaram para o estudo, sendo para isso informados sobre os procedimentos mediante diálogo com o pesquisador. Foi empregado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice I) destinado aos pais e/ou responsáveis quando o(a) participante tivesse idade inferior a 18 anos e o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (Apêndice II) destinado aos jovens.

O uso dos termos é feito por reconhecê-lo como uma tentativa de preservação do princípio da autonomia de escolha. Para isso, segundo Fortes (1994), o consentimento deve ser livre, voluntário e consciente, não comportando vícios e erros. A informação revelada deve ser compreendida, não sendo suficiente que a pessoa seja mera receptora.

#### **4.3. Alguns obstáculos e dificuldades apresentadas**

A primeira dificuldade foi a questão que a Escola não apresenta a estrutura de ensino integral, e por isso não oferece alimentos/refeições para os alunos. Devido a este fato, o pesquisador disponibilizou lanches para os alunos, no horário da oficina, com o intuito de diminuir a evasão e auxiliar na permanência dos mesmos durante a pesquisa.

A princípio, os lanches foram ofertados no final das oficinas, mas com o decorrer da pesquisa, os alunos sugeriram que fosse realizado no início da manhã, pois muitos deles não se alimentavam antes de sair de casa.

A segunda possível dificuldade apresentada pela Diretora foi que os alunos não iriam comparecer até o final da pesquisa, ainda mais se tratando de uma pesquisa em horário de contraturno escolar, pois, de acordo com ela, vários projetos já foram realizados na escola e o índice de evasão foi altíssimo. Neste caso, foi assumida a responsabilidade de divulgação das oficinas nas turmas do 9º ano presencialmente, e disposto a encarar os riscos caso os alunos desistissem da pesquisa.

Após a conversa com a diretora foi feito um folder informativo (Apêndice III) com todas as informações para dar início as oficinas, com objetivo de convidar os alunos e alunas. O pesquisador passou em todas as turmas do 9º ano e fez o convite e uma

demonstração de Rap freestyle<sup>6</sup>, com algumas palavras que os próprios alunos da turma falaram. Em seguida foram distribuídos os folders, inclusive para a direção da escola.

A terceira possível dificuldade apresentada pela diretora foi a estrutura da Escola. Ela informou que todas as salas eram ocupadas, e que não poderia disponibilizar Datashow para as oficinas, devido à grande rotatividade de atividades que acontecem no local. Esta problemática acabou não interferindo no processo, pois nos dias das oficinas tiveram salas disponíveis, e a ausência do Datashow foi facilmente substituída por pincel de quadro, celular e caixa de som.

A quarta dificuldade foi a questão da mobilidade dos alunos, pois a Diretora informou que muitos estudantes não moram perto da escola, então seria mais um empecilho para que eles fossem para as oficinas, levando em consideração que muitos vão de ônibus, sendo uma despesa a mais para eles, e os que vão de carro, seja de transporte coletivo ou com os pais, nem sempre é viável para que possam ir deixá-los e busca-los na escola. Em relação a esta problemática não foi possível ajudá-los de forma quantitativa, apenas um estudante usufruiu-se de carona com o pesquisador no decorrer das oficinas, entretanto, alguns estudantes com auxílio do lanche oferecido nas oficinas, conseguiram ficar na escola em tempo integral.

A quarta dificuldade foi a questão da mobilidade dos alunos. A diretora informou que muitos estudantes não moram perto da escola, e participar do estudo seria uma despesa a mais para eles, pois teriam que ir para a escola em turnos diferentes, ocasionando gastos em duplicidade com transporte coletivo, para que pudessem almoçar e retornar à escola.

Tal problemática foi minimizada com os lanches ofertados pelo pesquisador durante as oficinas, o que proporcionou a permanência contínua dos referidos alunos no ambiente escolar.

Vale ressaltar que as possíveis dificuldades apresentadas pela diretora da escola não tiveram a finalidade de prejudicar ou desmotivar a pesquisa, e sim de orientar sobre estes fatos, para que o pesquisador pudesse tomar as devidas precauções e estivesse ciente da situação, evitando assim possíveis frustrações.

---

<sup>6</sup>*Freestyle* Rap (literalmente rap livre) é um subgênero da música Rap e *freestyle*. Se caracteriza principalmente por letras improvisadas do rapper em um ritmo certo.

## 5. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Como dito anteriormente, de forma geral, as Oficinas aconteceram uma vez por semana, as quais consistiram em, inicialmente, especificamente sobre o ensino da técnica do Rap, por meio das demonstrações sobre as terminações fonéticas<sup>7</sup> e como encaixá-las da melhor maneira na construção das rimas; a importância da escrita; a importância da dicção no Rap, sendo exercitado o ato de cantar; estratégias para construir versos de improviso; apresentada a modalidade de Batalhas de MC nas suas duas categorias: Batalha de Sangue e Batalha do Conhecimento, na qual foi o gatilho necessário para iniciar o segundo momento das Oficinas, com a discussão de temáticas como, por exemplo, diversidade, direitos humanos e outras trazidas pelos próprios participantes.

### 5.1. O desenvolvimento das *Oficinas de Atividades*

O caminhar de uma pesquisa é encantador e incerto como o mar, no qual cada onda tem a sua particularidade e seu próprio desenrolar. A princípio, se fez necessário relatar um pouco mais detalhadamente do que aconteceu no decorrer das sete oficinas, e as problemáticas percebidas e levantadas foram sendo discutidas no decorrer delas.

#### **Oficina 1: Apresentação da Pesquisa e Técnicas do Rap**

A primeira oficina teve como objetivo explicar mais detalhadamente a proposta, os dias dos encontros, como seriam e os horários. No primeiro encontro participaram 14 alunos, sendo seis meninas. Já no primeiro contato com os alunos foi perceptível certo padrão na forma de lidar com as práticas que acontecem dentro da escola, chamando o pesquisador de professor e sentando nas carteiras enfileiradas.

Nesse sentido, Juarez (2001) relata que se tente adequar a postura pessoal e profissional diante dos sujeitos pesquisados, considerando que são jovens, eles nunca irão te tratar como igual. É um constante exercício de tentar superar esta imagem de “tio” ou professor para eles, devido a faixa etária, condição social e situação de pesquisador que se encontrava. No caso, mesmo uma faixa etária não tão distante, aproximadamente oito anos de diferença entre o pesquisador e os participantes, somente a presença na sala já foi o

---

<sup>7</sup> Fonética é o estudo dos fonemas. No caso das rimas de improviso, faz-se necessário compreender as estratégias que podem ser utilizados os fonemas para construção das rimas, pois, rimar está muito além de simplesmente decorar os fonemas existentes da língua.

bastante para ser intitulado como professor, sem ao menos ter tido a chance de falar mais do que um mero bom dia.

Ao se deparar com a situação encontrada, foi sugerido que formassem uma roda, para “sair do padrão” da escola, em seguida um dos estudantes falou: “*ainda bem, fila me lembra aula, e aula é chato*” (Diário de Campo). É entendido que a instituição escolar não pode ser concebida como local exclusivamente escolarizado, ou seja, formada somente por atividades prescritas pelo conteúdo programado, pois sua incompletude institucional muitas vezes se esbarra no protagonismo dos alunos, que propõem e demandam espaços de expressão de seus modos e culturas (POUZAS, 2017).

Após formar um círculo, a conversa fluiu na direção de explicar a proposta das Oficinas, e o percurso que o pesquisador percorreu por meio do Rap, e o que o motivou a realizar este trabalho. Foi relevante explicar e detalhar o processo como o pesquisador conheceu e aprendeu sobre o Rap, pois na época ele era apenas um pouco mais velho que os participantes, buscando assim criar uma empatia e vínculo com os jovens.

No projeto apresentado por Juarez (2001) ele “mergulhou” no mundo dos jovens para compreendê-los e acabou conhecendo mais sobre os seus estilos musicais e gostos. Já no caso desta pesquisa, o pesquisador se identifica e entende sobre a técnica e a arte do Rap, além de ser participante dos movimentos da cultura, tendo habilidades e conhecimentos necessários para também ensinar as técnicas das rimas.

Durante a conversa foi perguntado se os jovens já tinham contato com o Rap, muitos responderam que escutavam e já gostavam, porém não sabiam rimar. Outros alunos não escutavam, porém se interessaram pelas rimas feitas pelo pesquisador na hora do convite para as oficinas em sala de aula, e a minoria afirmou já ter um certo domínio, e com algumas composições amadoras em seus cadernos ou celulares (Diário de Campo).

Após a conversa inicial, os alunos voltaram para as fileiras e olhavam para o quadro. O pesquisador começou a falar sobre as técnicas para construção das rimas e como e quais são as estratégias por traz das rimas de improviso, ou seja, o famoso “rimar na hora”.

O pesquisador explica que, de acordo com a sua vivência e trajetória até aprender a rimar, ele classifica que a principal estratégia está em saber o que você vai falar, e conhecer pelo menos uma palavra que faça uma rima com aquilo, ou seja, fonema parecido.

Entretanto, por traz dessa técnica, o pesquisador enfatiza a importância do estudo e da leitura, e como um bom MC necessita possuir um bom repertório de palavras, para que suas rimas não fiquem muito repetitivas e consiga ampliar a variedade das rimas.

De acordo com Cavallieri (2016), a consciência fonológica é a capacidade de analisar e refletir sobre a estrutura sonora das palavras, e está amplamente relacionada com a aprendizagem da leitura, ou seja, sujeitos que apresentem desenvolvimento das habilidades fonológicas não apresentaram grandes dificuldades em desenvolver a leitura e escrita e vice-versa.

A ideia do pesquisador corrobora com Tejera (2013), que relata que as batalhas de MC além de ser um espaço cultural e de lazer, juntando divertimento, descanso e desenvolvimento (3D's do lazer), também promove a criticidade e busca por conhecimento por parte dos participantes, que relatam compartilhar conhecimentos nos dias de duelo e acaba trazendo uma maneira a mais de pensar, muitas vezes não encontrada na família, escola ou trabalho.

O estudo e a leitura são as ferramentas bases para um bom MC, não somente para aumentar o repertório das suas rimas, mas para adquirir conhecimento sobre qualquer temática que se deseja discutir. Não adianta possuir um leque variado de palavras, se não tem conhecimento sobre o tema a ser falado, são duas coisas que devem estar sempre ligadas (Diário de Campo).

Foi solicitado que os jovens falem palavras aleatórias para ele exemplificar como pode-se construir as rimas. As palavras são ditas aleatoriamente: ventilador, amor, pássaro, helicóptero, paralelepípedo, etc.

Com isso foi possível construir uma rima de improviso com todas as batalhas ditas pelos alunos, que aplaudem e demonstram admiração. Em seguida é explicado o passo a passo desse processo, ou seja, o pesquisador tenta explicar tudo que foi pensado e toda técnica por traz daquilo que ele acabara de fazer.

Foi explicado que existem várias formas de fazer rimas, que ele ensinará uma das formas, da qual ele melhor se adaptou e tem mais propriedade para ensinar, mas que a criatividade é algo único e tem que ser explorada ao máximo.

Antes de explicar a técnica, foi perguntado aos alunos sobre cada rima feita, como as frases foram iniciadas e qual foi a palavra utilizada para se fazer a rima, por exemplo, ao

fazer a rima com “ventilador”, como foi iniciado a frase e que palavra foi utilizada para rimar?

Com muita dificuldade os alunos começaram a falar as formas que eles lembravam que as frases haviam sido começadas, mas eles não entraram em consenso qual foi a forma correta. O pesquisador explicou que nem ele lembra como iniciou a frase, pois é justamente isso que ele queria mostrar, a forma como você inicia a frase não tem muita importância na construção de rimas de improviso, pois como você não tem muito tempo, ou tempo nenhum para pensar, sua atenção deve se voltar para a finalização da frase e não o começo (Diário de Campo)

Os jovens pareceram surpresos com esta afirmação, ficaram rindo e Pantera<sup>8</sup> soltou um “*É mesmo, boy. O cara nem lembra*”. Em seguida perguntou-se qual palavra ele usou para rimar com ventilador, com uma certa dificuldade, mas não tanto quanto para lembrar de como a frase iniciou-se, os jovens respondem.

Foi explicado que o que se diz no final da frase, ou seja, quando se termina a rima, é o que vai causar maior impacto. As palavras utilizadas para preparar o fonema são chamadas de “palavra suporte”, pois, não necessariamente ela precisa ter um forte significado para se construir uma rima de improviso, em seguida fez duas demonstrações:

“Agora vou fazer um Rap

Me escute sem kaô

Se esta sala está quente

Liguem o ventilador”

-

-

“Esta sala está quente

Liguem o ventilador

Então vou fazer um Rap

Me escute sem kaô”

---

<sup>8</sup> Os nomes utilizados são fictícios para preservar a imagem dos jovens participantes. Os nomes foram inspirados pelas brincadeiras decorrentes das Oficinas pelos próprios participantes e o pesquisador.

O pesquisador falou as mesmas coisas, basicamente, apenas inverteu a ordem em que elas foram ditas, e de forma unânime os jovens relatam que o Rap que se finalizou com “ventilador” foi melhor, mais agradável sonoramente.

Diversas demonstrações foram feitas neste mesmo sentido para consolidar esta técnica, em seguida Naruto perguntou o que fazer quando não conhecemos uma rima para determinada palavra, por exemplo, citou a palavra “helicóptero”.

Neste caso a palavra pode ser utilizada no meio da frase, pois, ser um MC ou fazer um Rap é necessário conhecer as palavras e fonemas, mas não se resume a isso. É feito novas demonstrações com palavras com fonemas difíceis:

“Agora vou te dizer

Preste muita atenção

Nunca andei de helicóptero

Eu só ando de ‘busão’

“Se você não entendeu

Agora vou te explicar

Nem um paralelepípedo

Pode me fazer errar”

“É mais fácil do que parece

Preste muita atenção

Não sei rimar com pássaro

Mas eu sei com gavião”

Foi solicitado que os jovens falassem o que entenderam das técnicas ensinadas, então disseram: “Não importa muito como começa a frase, usar uma palavra de suporte e encerrar com o que quer dizer”. Perfeito, disse o pesquisador.

Logo após, foi enfatizada a importância de praticar e tentar construir os primeiros versos, sair da teoria, verbalizar o que foi pensado ou escrito é essencial, pois o MC é o porta voz da cultura Hip Hop. Em seguida Naruto levantou animado da cadeira gritando que

conseguiu. Fez sua tentativa, mas gaguejou e voltou para a cadeira. Os olhares ao redor não foram de desprezo, foi percebido que os demais estudantes apoiaram a sua coragem.

O gesto do garoto foi incentivado pelo pesquisador, e ele foi orientado a não desistir. O garoto levanta-se novamente e tenta mais uma vez. Desta vez ele inverteu a ordem das palavras, encerrando a frase com a palavra suporte, não seguindo completamente o “roteiro” ensinado para construção dos versos, mas conseguiu. Todos o aplaudiram. Seu gesto foi parabenizado, e enfatizado o fato de que o roteiro e as técnicas ensinadas são apenas orientações para facilitarem a construção das rimas, e não devem ser seguidas à risca, pois a criatividade deve ser o maior elemento do Rap (Diário de Campo).

Em seguida foi percebido um movimento de escrita dos outros alunos. Eles começaram a rabiscar no caderno ou anotar no celular, construindo seus primeiros versos. Resumidamente, este foi o desenrolar da primeira oficina: alguns alunos arriscaram seus primeiros versos em voz alta, outros mostraram os versos escritos no caderno e alguns só cantaram baixo para o pesquisador ouvir. Foi interessante perceber esse movimento inicial dos alunos de participarem, principalmente das meninas, que representavam quase metade dos alunos no dia, porém de acordo com a Matsunaga (2008) são minoria na conjuntura do Hip Hop no geral.

De acordo com Rodrigues (2014), apesar do *Hip Hop* ser comumente conhecido como uma cultura que caracterizada pelo seu histórico de protesto e luta contra as desigualdades e problemas sociais, ele continua a reproduzir opressões de desigualdades de gênero que são presentes em nossa sociedade, dificultando a entrada da mulher em uma cultura predominantemente masculina.

Quando as mulheres, principalmente as jovens, conseguem ingressar no universo do *Hip Hop*, muitas vezes precisam vencer as barreiras que lhe são impostas, como por exemplo o mal olhar da família, que não vê com bons olhos a inserção das mesmas nesse contexto cultural, e acabam sendo associadas a “mulheres de ruas”, sendo vistas como disponíveis para abordagens sexuais (RODRIGUES, 2014).

Apesar desse desafio encontrado pelos contextos preconceituosos da sociedade, as mulheres têm garantido seu espaço no mundo do *Hip Hop*, e não apenas como consumidoras do produto ou acompanhantes dos homens que participam, mas como produtoras e atuantes da cultura, sendo *grafiteiras, bgirls e rappers* (RODRIGUES, 2014).

Rodrigues (2014) relata que a participação no *Hip Hop*, principalmente por meio do Rap, abre possibilidades para que as jovens deem visibilidade as questões de gênero e juventude vivenciadas por elas, sendo uma forma das mulheres lutarem pelo seu espaço e compartilharem suas visões, vivências e situações que enfrentam no seu cotidiano, assumindo a autoria por suas vozes e vidas.

Após o término da primeira oficina, os alunos solicitaram criar um grupo no celular pelo aplicativo *WhatsApp Messenger* para manterem a comunicação e compartilharem vídeos, fotos, rimas e outros assuntos pertinentes as Oficinas.

A repercussão da primeira oficina foi bastante positiva, os alunos interagiram no grupo criado, mandando rimas escritas e por áudios, bem como alguns alunos da escola que não estavam nas oficinas, reconheceram o pesquisador fora da escola, pelo fato dele morar perto, e o cumprimentaram e falaram bem da Oficina, que muitos estudantes estavam comentando na escola, e que eles tinham muito interesse em ir, porém faziam curso de inglês no mesmo horário ou tinham outros compromissos.

### **Oficina 2: Batalha de MC**

Na segunda Oficina obteve-se a dimensão de quantos estudantes, de fato, queriam e poderiam participar, totalizando oito estudantes, seis meninos e duas meninas. Foi realizada uma conversa inicial para falarem sobre a semana, e foi percebido que muitos alunos não haviam se alimentado antes de sair de casa, então, estrategicamente o lanche passou a ser feito em dois momentos: no início da oficina e no fim.

O estudante Pantera<sup>9</sup> levantou o tema sobre as batalhas de MC, sobre xingamentos e discursos sexuais durante as batalhas, e citou o exemplo de um menino da escola que sabia rimar muito bem, porém as rimas dele teriam que ser censuradas, pois tinham muitos xingamentos (Diário de Campo).

O pesquisador fez uma retomada sobre as batalhas de rap que já participou, e as que já assistiu pelas redes sociais desde o momento em que estava aprendendo a rimar e até o dia de hoje, chegando à conclusão que não é necessário e nem obrigatório utilizar vocabulário chulo ou ofensivo para se ganhar uma batalha, em seguida fez demonstrações de como reverter situações nas batalhas no qual seu oponente lhe xinga ou apela para sexualidade (Diário de Campo).

---

Aproveitando essa discussão sobre batalhas de MC, foi perguntado se eles gostariam de realizar uma batalha entre eles, prontamente os alunos Pantera e Naruto levantaram dizendo que queriam batalhar. Foi explicado como iria funcionar esta batalha: foi tema livre, poderiam falar sobre o que quiserem, e cada um teria que ter à direito a fazer duas rimas (quatro versos), tendo o tempo que precisassem para fazer os versos.

No momento da batalha, ambos demonstraram nervosismo e dificuldade para elaborar as rimas (demoraram de 1 a 4 minutos para rimar), o Naruto usou como apoio o bloco de notas do próprio celular. O Pantera gaguejou algumas vezes e perguntou se a gravação seria divulgada nas redes sociais, mostrando certa insegurança sobre isso. Assim, foi esclarecido que a filmagem seria utilizada apenas para fins da pesquisa e o participante disse, então, aliviado, que agora seu oponente estaria “lascado”. De fato, ferramentas de registro dos dados, como gravadores e filmadoras, podem sempre gerar um incômodo, mas é importante tentar não chamar muita atenção para os mesmos (JUAREZ, 2001), conforme foi feito, percebeu-se que, assim, o participante ficou mais despreocupado e elaborou as rimas sem pudor (Diário de Campo).

Na batalha, o Pantera foi informado que poderia fazer a rima que quisesse, sendo encorajado também pelos e pelas colegas. Com o esclarecimento sobre o a filmagem ele soltou um “demorou então”! E apresentou suas rimas com teor sexual e agressivo. Na sequência, Naruto teve o direito de resposta, fez uma rima agressiva, porém sem conteúdo sexual, os alunos agitaram, também, e bateram palma. Por fim, a batalha acabou e foram feitas algumas considerações sobre a mesma.

Foi explicado o quão importante foi eles terem vindo na frente de todos fazerem essa batalha, para eles experimentarem a sensação de euforia, nervosismo, ansiedade, medo, vibração, insegurança, de quando se está rimando na frente de um público, por menor que seja (Diário de Campo).

Em seguida o pesquisador relatou sua primeira vivência nas batalhas de rap, as sensações que teve com a plateia, com o adversário e com ele mesmo. Os meninos balançaram a cabeça que sim e disseram: “Exatamente isso” (Diário de Campo).

Então, foram para a próxima batalha, Pantera permaneceu para batalhar novamente e convidou o seu amigo 'MM' para batalhar contra ele. Pantera e MM quiseram adicionar um

*beat instrumental*<sup>10</sup> na hora da batalha, pois acreditavam que seria mais fácil para rimar (Diário de Campo).

O mesmo processo se repetiu, ambos ficaram nervosos, travaram e demoraram para conseguir soltar os primeiros versos. Pantera, em relação a sua primeira batalha, demonstrou um desempenho um pouco melhor, mas ainda sim ainda apresentou dificuldades. Ambos falaram que o *beat instrumental* acabou dificultando na hora de rimar, ao invés de facilitar. Pantera por ter participado da primeira batalha na *capela*<sup>11</sup>, e agora com o *beat instrumental*, explicou que o *beat* acaba dificultando, pois na *capela* você dá o seu próprio ritmo sem se preocupar com ritmos externos, mas com o *beat* você tem que se encaixar no tempo dele (Diário de Campo).

Novamente foram feitas rimas agressivas, com conteúdo sexual e com xingamentos. Depois eles sugeriram rimar sobre algum tema, pois iria facilitar para construir a rima, disseram que seria mais fácil para pensar em uma rima. A batalha não durou tempo suficiente para conseguir verificar se o uso do tema foi ou não um agente facilitador nesse processo.

Por fim, aconteceu a terceira e última batalha do dia, alguns pontos interessantes aconteceram neste momento.

**Primeiro ponto:** as meninas foram convidadas para fazer uma batalha, elas aceitaram, porém, se fossem as duas juntas contra os meninos.

**Segundo ponto:** durante a batalha em dupla, as meninas se consultaram para fazer as rimas, conversando entre si e construindo a rima em conjunto, enquanto os meninos apesar de estarem em dupla, fizeram suas rimas individualmente.

**Terceiro ponto:** os meninos fizeram rimas machistas na batalha e a plateia (os próprios colegas) ao invés de agitarem, reprovaram as rimas.

**Quarto ponto:** as meninas responderam rimando e pedindo respeito.

A batalha acabou, com o agradecimento pela participação de todos, enfatizando-se a importância de se levar as batalhas na esportiva, que no cenário das batalhas de Rap, as

---

<sup>10</sup> *Beat* significa batida. Os cantores de Rap costumam cantar em cima de um fundo instrumental (base) de forte apelo rítmico. Os beats podem ser instrumentais (Batida pronta) ou Beat Box (batida improvisada feita com a boca).

<sup>11</sup> Capela é utilizado na cultura Hip Hop quando o Rapper canta sem nenhum auxílio de batidas, ou seja, somente sua própria voz. É muito utilizado nas rimas de improviso.

rimas podem ser agressivas, mas todos se abraçam no final, e mais importante que isso, todos são amigos. Pois o público que participa de batalhas de rap ainda é pequeno, principalmente em João Pessoa, e se as rimas forem levadas para o pessoal, este movimento jamais daria certo, e pelo contrário, só tem aumentado nos últimos anos (Diário de Campo).

Um dos alunos sugeriu que pesquisassem músicas para trazer na próxima oficina, para discutirmos as formas de rimar e as mensagens que podem ser passadas nas músicas. Foi feito o lanche novamente no final da oficina e nos despedimos.

Um fato significativo que vale a pena ser citado, é que dois meninos da oficina, Naruto e Yoyo, conversaram com o pesquisador sobre o preconceito que seus pais têm com o Rap, associando-o a criminalidade e drogas, e foi pedido e perguntado se o pesquisador poderia intervir de alguma forma, pois de acordo com os meninos, se alguém mais velho falasse, seus pais iriam ouvir de outra forma (Diário de Campo).

Sendo assim, o pesquisador conversou com os pais dos alunos, explicou que o Rap, querendo ou não, é uma expressão artística muito forte no movimento juvenil, e que o objetivo da oficina é que, por meio do Rap, trabalhe o protagonismo e participação dos alunos sobre a temática Direitos Humanos e Diversidade na escola. Os pais concordaram com o pesquisador e relataram que agora iriam trazer os seus filhos para a oficina muito mais tranquilos, e como, de fato, eles permaneceram nas oficinas, acredita-se que essa intervenção foi positiva (Diário de Campo).

Entretanto, não foi possível mensurar de forma quantitativa e fidedigna quantos casos similares tenham acontecido e que não foi tomado conhecimento, pois, na mesma semana, aconteceu uma batalha de rap no barro do Castelo Branco, localizado no bairro próximo a escola, que foi divulgado no grupo do WhatsApp por um dos alunos da oficina e que mora no bairro. O pesquisador participou deste evento.

Ao chegar no evento, o pesquisador encontrou um dos meninos da escola, que participou da primeira oficina, mas não compareceu nas oficinas seguintes. O mesmo falou que gosta muito de rap, mostrou algumas composições de sua autoria que estavam anotadas no celular, e explicou que seu pai tinha muito preconceito com o rap, e que não tinha assinado os termos, por isso ele não foi mais para as oficinas (Diário de Campo).

O menino gravou o pesquisador participando das batalhas e colocou no grupo do WhatsApp para divulgar e animar os outros alunos. Gerou uma boa repercussão no grupo, e

um outro estudante pediu autorização para divulgar o vídeo em outras redes sociais. Então, no dia seguinte, um outro estudante da escola enviou uma mensagem no privado do pesquisador explicando que gostava muito de rap, pedindo algumas instruções para fazer as rimas, que gostaria muito de ir para as oficinas, mas infelizmente ele tem que ficar em casa ajudando sua mãe e não pode ir para as oficinas.

Após nos depararmos com estes vestígios de preconceito que surgiram nos fatos relatados, fez-se necessário uma busca por referenciais teóricos que buscassem justificar ou explicar os motivos desta situação (Diário de Campo).

Entendemos que o Rap é a expressão artística com maior visibilidade dentro da cultura Hip Hop, que originou-se nos Estados Unidos, por meados da década de 70, como um movimento de luta e expressão por negros das periferias, e acabou se difundindo internacionalmente como uma cultura juvenil e assumiu trajetórias específicas no Brasil, porém vem sofrendo as influências e preconceitos originados pelo estilo musical *Soul* (JUAREZ, 2001).

O Rap ficou conhecido por ser a ferramenta que os jovens de periferias encontraram para lutar contra as situações de vida no qual se encontravam, cantando sobre as mazelas e obstáculos que encontravam para uma participação mais efetiva na vida pública, entretanto, os meios de comunicação com sua visão estigmatizada colocaram estes sujeitos como “desocupados e violentos” (SOUSA, 2006).

Foi então, que cantando traços característicos e comuns presentes na vida dos periféricos: preconceito, desemprego, exploração, perseguição, analfabetismo, crimes, drogas e prostituição, que os rappers divulgaram suas experiências e chamaram atenção para os seus problemas, foi assim que, essa busca incessante pela renovação da vida tomou manifestou-se por caminhos dramaticamente opostos: arte e violência (SOUSA, 2006).

Acredita-se então, que devido a esse histórico de preconceito que o rap vem sofrendo, seja o motivo dos pais de alguns alunos não deixarem seus filhos participarem das oficinas, e talvez, com o pesquisador conversando pessoalmente com alguns pais, explicando o contexto das oficinas e como o rap pode ser usado como uma ferramenta de expressão também dentro das escolas, conseguiu quebrar esse estigma sobre o rap, revertendo esse quadro e viabilizando a participação dos alunos.

### **Oficina 3: Mensagem Musical**

Na terceira oficina, como de costume, o pesquisador fez uma breve retomada sobre o que já foi visto nas oficinas anteriores, reforçando as técnicas de terminações fonéticas para construção das rimas, pois como dito anteriormente, as primeiras oficinas seriam trabalhadas a questão do Rap, como estratégia para criar vínculo com os estudantes e ensiná-los a rimar, e em seguida poder discutir os temas proposto pela pesquisa, usando o rap como ferramenta de discussão.

Em sequência, seguimos a proposta do Pantera na oficina anterior, e foram tocadas as músicas que os alunos trouxeram para a discussão. O estudante MM trouxe uma caixa de som, que contribuiu bastante. Cinco músicas foram discutidas, duas músicas trazidas pelos meninos, duas pelas meninas, e uma pelo próprio pesquisador.

O que mais chamou a atenção, foram as mensagens das músicas trazidas pelas meninas. A primeira música trouxe uma mensagem sobre respeito as mulheres, criticando a visão machista que a sociedade tem sobre as mulheres e a classificando baseado nas roupas que veste, e a segunda música falava sobre uma menina que excluída na escola por ser magra demais, sendo vítima de *bullying* e desprezo pelos meninos, mas após alguns anos o corpo dela mudou e os mesmos meninos que a esnobavam, corriam atrás para ter uma chance de ficar com ela.

Após ouvirem todas as músicas, foram discutidas as mensagens passadas na música, bem como a potencialidade do rap de relatar as experiências de vida e forma de se expressar.

Após o lanche, foi feita uma votação e os alunos escolheram fazer uma batalha de rap sem tema (estilo livre). Fizeram uma batalha em dupla e depois individual. As meninas quiseram batalhar também, mas escolheram o tema “amor”.

#### **Oficina 4: Introdução aos Direitos Humanos**

Na quarta oficina foram mostrados dois vídeos contando o que são e a história dos Direitos Humanos no mundo, em seguida foi solicitado que os alunos falassem temas para as discussões, e os principais temas citados foram: bullying e feminismo.

Foi mostrado um vídeo da artista Jade Fanny<sup>12</sup>, em uma competição do Slam Resistência<sup>13</sup>, no qual sua poesia retratava sobre o machismo na sociedade. Após o vídeo, o

---

<sup>12</sup> Jade Fanny foi a vencedora do Slam Resistência em novembro de 2016.

<sup>13</sup> *Slam* é uma competição de poesias faladas que surgiu em Chicago, nos Estados Unidos, em meados dos anos 80, na mesma época do hip-hop. São poesias autorais, em até 3 minutos. O artista irá utilizar apenas o corpo e a palavra, sem roupagem teatral, objeto cênico ou instrumento musical, só ele, a palavra e a intervenção.

pesquisador criou algumas situações para que os alunos contassem quais seriam suas reações ou opiniões.

A situação que gerou mais repercussão, foi quando perguntado sobre assédio nas ruas, e os meninos falaram que era normal, que iriam gostar se acontecesse com eles, entretanto quando as meninas perguntaram se fosse outro homem os assediando, eles falaram que reagiriam com violência. Após este episódio, foi nitidamente perceptível o comportamento e pensamento machista da maioria dos meninos durante as discussões dos temas, fazendo-se necessário uma busca por referenciais teóricos para buscar compreensão do fato ocorrido.

Partindo do princípio que a estrutura social na qual vivemos possui uma visão androcêntrica, e que o Rap é a expressão artística com maior visibilidade dentro da cultura Hip Hop, Matsunaga (2008) fez um estudo analisando o conteúdo das letras de Rap para compreender o motivo da invisibilidade das mulheres no cenário do Rap, concluindo que existe uma discriminação de gênero, na qual a mulher é atribuída a função de mãe, esposa e dona de casa.

Levando também em consideração que essa visão não é exclusiva do Rap, pois como dito anteriormente, é uma visão cultural da sociedade em que vivemos, o Rap se encontra como uma ferramenta de expressão. Isso foi bastante perceptível no decorrer das oficinas, no conteúdo das batalhas de Rap e também na discussão dos temas.

De acordo com Mitsunaga (2008), o discurso da cultura *Hip Hop* procura, portanto, o reconhecimento identitário e inclusão social realçando aspectos que não somente são valorizados pelos periféricos, mas pela sociedade em geral, utilizando nas letras referências positivas do homem, que tem ao seu lado uma "boa" mulher.

Como dito anteriormente, durante as Oficinas alguns meninos fizeram rimas machistas, mandando as meninas irem para a cozinha, e durante as discussões dos temas, relataram que uma mulher que fica com vários homens em uma festa é vulgar.

Contraditoriamente, quando foi lhes perguntado se o mesmo seria válido para os homens, eles disseram que não, pois era diferente. Este pensamento gerou indignação das meninas, e utilizaram a música construída no final das Oficinas (Apêndice IV) para expressarem seus pensamentos e marcarem a música com sua voz.

O trecho do Rap construído pelas meninas:

*Sou mulher  
e visto roupa curta  
isso não é convite  
e não me chame de puta*

*Me chamam de vadia  
tô tentando entender  
é porque eu pego geral,  
ou porque eu não pego você?*

*Posso ser o que eu quiser  
Posso ser cabelereira  
Posso ser dona de casa  
E também engenheira  
[...]*

Entrando em acordo com Mitsunaga (2008), a qual relata que a tentativa de reverter este quadro está presente, principalmente, no discurso das mulheres que fazem parte do movimento e reivindicam para si outras representações e relações. Elas apontam, portanto, que o hip hop pode se configurar de outra maneira, mas isto dependerá de suas lutas, das reflexões e dos debates.

### **Oficina 5: Preconceito e Diversidade**

Na quinta oficina continuaram nas foram discutidos temas como religião, preconceito e *bullying*<sup>14</sup>. Os estudantes Naruto, Dan e Yoyo falaram que em algum momento já foram discriminados, na própria turma ou em outra escola.

O Naruto contou ao pesquisador que na sua antiga escola os meninos o insultavam, pois ele era pequeno e tímido, e não sabia revidar os insultos. Já o aluno Pantera falou que nunca sofreu *bullying*, que ele não tem vergonha de nada e não tem problema com ninguém. O Dan relatou que por ser novato na escola, tem dificuldade para fazer amizades, pois não gosta das brincadeiras que o pessoal da sua turma faz, então ele prefere ficar sozinho do que tentar se enturmar. O aluno Yoyo contou que sofria muito *bullying* anos atrás, mas depois que começou a fazer rimas na escola e o pessoal descobriu que ele gostava de Rap, e que era um dos melhores da escola nisso, as provocações diminuiram bastante.

---

<sup>14</sup> Bullying é uma situação que se caracteriza por agressões intencionais, verbais ou físicas, feitas de maneira repetitiva, por um ou mais alunos contra um ou mais colegas. O termo bullying tem origem na palavra inglesa bully, que significa valentão, brigão. Mesmo sem uma denominação em português, é entendido como ameaça, tirania, opressão, intimidação, humilhação e maltrato.

Foi perceptível que neste momento das oficinas, os alunos já estavam mais confortáveis para compartilhar suas experiências e emoções diante do pesquisador, e até mesmo dos outros alunos. Em seguida o pesquisador também compartilhou suas experiências da época de escola.

De acordo com Olweus (2011), o *bullying* produz sérios efeitos negativos para as vítimas, e se caracteriza por ser um comportamento agressivo, seja física ou psicologicamente, e geralmente quem pratica são considerados “populares” entre os estudantes. No caso do aluno Naruto, ele teve que sair da sua antiga escola por não aguentar mais aquela situação.

De acordo com o estudo de Terroso, Wendt, Oliveira e Argimon (2016), que investigou um grupo de adolescentes entre 12 e 17 anos, um bom repertório de habilidades sociais pode ser um fator de proteção ao *bullying*, desta forma, trabalhar as habilidades sociais, focado nos aspectos em que os indivíduos tenham déficit, pode ser adotado como estratégia de prevenção e proteção de comportamentos agressivos entre os jovens.

Logo, considerando que as habilidades sociais são um conjunto de comportamentos e que são mutáveis, acredita-se que o Rap pode ser um recurso que favoreça o repertório de habilidades sociais, visto que o P5 relata que depois que começou a fazer Rap na escola, o *bullying* diminuiu e que ele aprendeu a se defender das brincadeiras.

Seguindo ainda o raciocínio acima, o estudante Dan durante a conversa coletiva na última oficina, relatou que depois que começou a participar das oficinas melhorou bastante a sua timidez. Já Pantera, que não demonstrou problemas com a timidez durante as oficinas, enfatizou a questão do respeito pelas pessoas, independente de religião, etnia, orientação sexual e características físicas e de personalidade.

Outro fato importante foi que Naruto escreveu uma letra de Rap e mostrou somente para o pesquisador, no qual relatava a sua história de *bullying* na sua antiga escola, o que auxiliou a identificação desta problemática para ser discutida nas oficinas, além do estudante ter dito que o fez muito bem ter se expressado e colocado toda aquela tristeza para fora, que muitas vezes recorria a se cortar para afogar a tristeza, e que agora ele pode se expressar de outra forma.

Após a discussão dos temas, os estudantes começaram a composição da música sobre o tema Direitos Humanos e Diversidade na escola (Apêndice IV), enquanto o pesquisador

auxiliava na terminação fonética, visto que alguns estudantes ainda apresentavam dificuldade para rimar.

### **Oficina 6: Construção da música Direitos Humanos e Diversidade na escola**

Este dia ficou reservado para os alunos terminarem a música que iniciaram, e no final em um momento de descontração eles realizaram uma Batalha de MC entre eles e ao término falaram que estavam gostando muito das oficinas, as meninas Ana, Ane e o seu namorado (MM) estavam chateados pois as Oficinas iriam acabar. Ana falou que iria sentir falta.

### **Oficina 7: Encerramento...e novos (re)começos**

Na última oficina foi feita uma conversa sobre o que os estudantes acharam da oficina: os pontos negativos, positivos, o que gostaram ou não, o que eles aprenderam. Pantera, Naruto e Dan falaram que aprenderam a rimar, e Yoyo falou que já sabia, mas aprendeu técnicas novas. Todos os estudantes falaram que foram poucas *Oficinas*, que poderiam ser mais. Ana falou que apesar de não ter aprendido a fazer rimas direito, se sentiu acolhida durante as oficinas e falou que irá sentir falta, que já fazia parte da sua rotina semanal.

Após o término das oficinas o pesquisador vem a coadunar com o estudo de Silva, Cardinalli e Silvestrini (2014), que percebem que na subjetividade do fazer artístico as pessoas têm mais facilidade e abertura para compartilhar suas histórias, seus pensamentos, sofrimentos e conquistas, expressando-se com mais espontaneidade e permitindo-se ser conhecida e conhecer o outro.

Considerando o exposto, é possível apontar o Rap como uma tecnologia de cuidado que este pode favorecer o vínculo com a população-alvo e dialogar de forma direta com a cultura e interesses da mesma. Considerando também que o vínculo se baseia em uma relação de confiança, que seja significativa, de proximidade e interdependência com o outro (MORAIS; MALFITANO, 2016).

Destaca-se que o Rap, por meio das Oficinas de Atividade, a partir da Terapia Ocupacional Social, possibilitou não apenas a interação e criação de vínculo com os jovens, mas apresentou-se como um potente recurso para apreensão de suas realidades, favorecendo um ambiente de inclusão e convivência, e para discussão de diversas ordens.

Por meio do Rap, os alunos se interessaram em outras temáticas dentro da escola, pois, após as Oficinas foi informado que os estudantes das turmas do 9º ano, que foram contempladas pela pesquisa, fizeram um trabalho de história e desenvolveram um Rap sobre o tema Imperialismo.

Um dos pontos negativos relatados pelos alunos, é que a escola não oferecia suporte para sua permanência em tempo integral, sendo obrigados a se retirarem da escola às 12 horas e só retornavam às 13 horas, entretanto alguns alunos não moravam perto e ficavam suscetíveis a assaltos, como aconteceu com um dos meninos que participou das oficinas.

O pesquisador tentou intervir para convencer a coordenadora da escola para abrir uma exceção, pois nos dias das oficinas alguns alunos ficavam direto na escola, porém a diretora não cedeu ao pedido, e explicou que se abrisse exceção para eles, todos os outros alunos iriam querer também.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chegamos ao final de uma das etapas deste maravilhoso e complexo processo de trabalhar com uma classe tão misteriosa e heterogênea como a juventude. Sinto que estou mais preparado para lidar com as múltiplas faces dessa população, e feliz, pois a ferramenta que eu acreditara que seria muito eficaz se trabalhado na escola na minha época, foi concretizada, aceita e posta à prova por meio dessa vivência única.

É nesse contexto de estigmas e preconceitos em que o Rap foi trabalhado com jovens de uma escola pública na cidade em que nasci e me criei, João Pessoa, que me fez acreditar que esta expressão artística, dentro de uma cultura com tantas outras formas de se expressar, possui um potencial enorme para ser trabalhado com jovens estudantes de escolas públicas.

Foi possível perceber, a possibilidade que o Rap proporcionou diante a aproximação com o universo imaginário juvenil, tornando a *Oficina de Atividades* um recurso-meio para o diálogo sobre as violências em suas diferentes formas, sobre os direitos de cidadania, individuais e coletivos, sobre problemáticas cotidianas, sentimentos, sofrimentos que são aspectos que precisam ser enfrentados no trabalho com a juventude pobre no Brasil.

Realçamos neste estudo o potencial do Rap como recurso para a Terapia Ocupacional Social, uma vez que este possibilita, na intervenção profissional, a discussão sobre diferentes temáticas e problemáticas levantadas e abordadas pelos próprios jovens participantes, além da visibilidade que esse recurso pode permitir, tencionando as concepções baseadas em estereótipos, por meio da produção de materiais com qualidade tanto estética quanto em relação ao conteúdo.

Com tudo que foi exposto, pôde-se averiguar a eficácia do Rap enquanto recurso de criação de vínculo com os jovens, estimulando e ampliando sua expressão e exercício da cidadania, tornando-se cidadãos mais críticos e empáticos para viver em sociedade.

Sugiro a continuidade desta pesquisa, para comprovar a fidedignidade do Rap enquanto recurso para ser trabalhado com jovens nas escolas e enquanto recurso da Terapia Ocupacional Social. Pretendo dar seguimento a esta pesquisa a nível de mestrado, verificar se o Rap se faz eficaz se trabalhado com outras faixas etárias e camadas sociais.

## 7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, H. C. “A gente quer mostrar nossa cara, mano”: hip hop na construção de identidade, conscientização e participação social de jovens em situação de vulnerabilidade social. **Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar**, São Carlos, v.24, n.1, p.39-52, 2016.

BARDI, G. et al. Oficinas socioculturais com crianças e jovens sob a perspectiva da Terapia Ocupacional Social. **Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar**, São Carlos, v.24, n. 4, p.811-819, fev. 2016.

BOURDIEU, P. A Escola Conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura. In NOGUEIRA, M, A.; CATANI, A. **Escritos de Educação**. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

BOURDIEU, P; PASSERON, J. **A Reprodução: Elementos para uma Teoria do Sistema de Ensino**. Covilhã: Ed. Vega, Lisboa, 2009.

BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. Resolução 196/96. 1996.

CARDOSO, M. A.; LARA, A. M. B. Sobre as funções sociais da escola. In: ENCONTRO SUL BRASILEIRO DE PSICOPEDAGOGIA, 3, 2009, Paraná.

FERREIRA, A.; BITTAR, M. A ditadura militar e a proletarização dos professores. **Educ. Soc**, Campinas, SP, v.27, n. 97, p. 1159-1179, set./dez. 2006.

FORTES, P. A. C. Reflexões sobre a bioética e o consentimento esclarecido. **Bioética**, Brasília, v. 2, p. 129-135, 1994.

FREITAS, L. A. A instituição do fracasso: a educação da ralé. In SOUZA, J. (Org.). **A ralé brasileira: quem é e como vive**. Belo Horizonte: UFMG, 2009. p 282-304.

JUAREZ, D. A música entra em cena: o Rap e o Funk na socialização da juventude em Belo Horizonte. 2001. 412 f.. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

LOPES, E. L.; SILVA, C. R. O campo da educação e demandas para a Terapia Ocupacional no Brasil. **Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo**, São Paulo, v.18, n. 3, p.158-164, set/dez. 2007.

LOPES, R. E. et al. Adolescência e juventude de grupos populares urbanos no Brasil e políticas públicas: apontamentos históricos. **Revista HISTEDBR**, Campinas, n.23, p.114-130, set. 2006.

LOPES, R. E. et al. Oficinas de atividades com jovens da escola pública: tecnologias sociais entre educação e terapia ocupacional. **Interface Comunicação Saúde Educação**, São Paulo, v.15, n.36, p.277-288, jan/mar. 2011.

LOPES, R. E.; MALFITANO, A. P. S.; SILVA, C. R.; BORBA, P. L. O. Recursos e tecnologias em Terapia Ocupacional Social: ações com jovens pobres na cidade. **Caderno de Terapia Ocupacional da UFSCar**, São Carlos, v. 22, n. 3, p.591-602, 2014.

MAGRO, V. M. M. Adolescentes como autores de si próprios: cotidiano, educação e o hip hop. **Cadernos CEDES**, Campinas, SP, v.22, n.57, ago. 2002.

MALFITANO, A. P. S. Contexto Social e Atuação Social: generalizações e especificidades na Terapia Ocupacional. In: LOPES, R. E.; MALFITANO, A. P. S. Terapia Ocupacional Social: desenhos teóricos e contornos práticos. São Carlos: EDUFSCar, 2016, p.117-134.

Matias-Rodrigues, M., & de Araújo-Menezes, J. (2014). Jovens mulheres: reflexões sobre juventude e gênero a partir do Movimento Hip Hop. **Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud**, 12 (2), 703-715.

MATSUNAGA, P. S. As representações sociais da mulher no movimento hip hop. **Psicologia Social**. v.20 n.1. Porto Alegre Jan./Apr. 2008.

MORAIS, A. C.; MALFITANO, A. P. S. O Terapeuta Ocupacional como executor de medidas socioeducativas em meio aberto: discursos na construção de uma prática. **Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar**, São Carlos, v.24. n.3, p. 531-542. Jan. 2016.

OLWEUS, D. Bullying at school and later criminality: Findings from three Swedish community samples of males. **Criminal Behaviour and Mental Health**, v. 21, p. 151-156, 2011.

PIMENTEL, S. S. et al. III Semea: construindo redes nas cirandas da vida - relato de experiência. **Eletrônica**, Porto Alegre, v.5, n.1, p.1~5, 2012.

SAVIANI, D. **Escola e Democracia**: teorias da educação. ed 40, v.5. Campinas, SP: Autores associados, 2008.

SILVA, C. R. **Direitos humanos para a diversidade**: construindo espaços de arte, cultura e educação. São Carlos: São Jorge, 2014.

SILVA, C. R. et al. Arte e cultura para a promoção dos direitos humanos junto a usuários de Saúde Mental. **Cadernos Brasileiros de Saúde Mental**, Florianópolis, v.8, n.20, p.188-211, mar/dez. 2016.

**APÊNDICE I - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (responsáveis)****TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Prezado (a) Senhor (a)

.....

Esta pesquisa é sobre “O RAP COMO RECURSO DA TERAPIA OCUPACIONAL SOCIAL NAS ESCOLAS” e está sendo desenvolvida pelo pesquisador Kaíque de Abreu Cajú, aluno do curso de Terapia Ocupacional da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), sob a orientação da Prof.<sup>a</sup> Beatriz Prado Pereira e Co-orientadora Joana Rostirolla Batista de Souza.

Os objetivos da pesquisa são apreender como o rap pode ser utilizado com jovens de escolas públicas como recurso da terapia ocupacional social de forma geral e, especificamente, para a discussão de temas como direitos humanos e diversidade na escola; compreender as possibilidades de utilização do rap nos processos de vinculação com jovens; potencializar os recursos da terapia ocupacional na discussão sobre direitos humanos e diversidade na escola; possibilitar autonomia, participação e protagonismo aos jovens sobre a temática direitos humanos e diversidade na escola.

Ao realizar este trabalho, temos como finalidade contribuir para que os estudantes que participarem da pesquisa ampliem seu universo cultural e, por meio do rap, se instrumentalizem a respeito dos direitos humanos e da diversidade na escola, carregando os aprendizados para as relações escolares e sociais cotidianas.

Solicitamos a sua autorização para a colaboração do estudante no qual você é responsável para participar desta pesquisa, através de oficinas de rap para discussão do tema direitos humanos e diversidade na escola, assim como sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos das áreas de saúde e social e publicar em revista científica. Por ocasião da publicação dos resultados, o nome da jovem participante será mantido em sigilo.

Devido à publicação dos resultados, informamos que, de acordo com a Resolução número 466 de 12 de novembro de 2012, essa pesquisa pode oferecer riscos físicos, psicológicos e sociais.

Riscos físicos: por se tratar de oficinas coletivas, os participantes estarão sujeitos a relações com outras pessoas, podendo acarretar um grau de desentendimento e possíveis agressões físicas com os outros participantes.

A estratégia para amenizar esse risco será a observação e a mediação de conflitos, caso observado algum nível de desentendimento, o pesquisador poderá intervir separando os participantes temporariamente ou realizando uma conversa informal para solucionar o caso antes que se torne um problema.

Riscos psicológicos: levando em consideração que durante as oficinas os participantes serão convidados a fazer rima na frente dos outros participantes, o participante pode se sentir estressado, constrangido e/ou vir a ter outros desconfortos emocionais (nervosismo, ansiedade). A estratégia para amenizar esse risco será uma conversa informal e relatos de vivência do próprio pesquisador sobre situações emocionalmente e

psicologicamente conflituosas, que o mesmo já enfrentou durante as batalhas de Rap, bem como a importância de se levar na esportiva e ter um bom controle emocional, o qual também será trabalhado durante as oficinas.

Riscos sociais: levando em consideração que os participantes já podem ter algum grau de proximidade antes das oficinas, visto que eles estudam na mesma escola; durante as oficinas de rap podem ser feitos comentários maldosos ou preconceituosos acerca da sexualidade, da raça, da etnia, do gênero ou sobre informações privadas e confidenciais. A estratégia para amenizar este risco será feita durante todas as oficinas, principalmente nas oficinas que irão trabalhar diretamente com o tema “Direitos Humanos e diversidade na escola”, ensinando sobre a importância de respeitar o próximo.

Caso haja algum desconforto durante as oficinas, informamos que o estudante participante poderá interromper sua participação a qualquer momento, e só voltar a participar se assim o desejar e da maneira como julgar conveniente.

Salientamos que as oficinas poderão ser gravadas, para auxiliar no diário de campo e resultados da pesquisa, na qual os dados ficarão guardados no Departamento de Terapia Ocupacional do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Paraíba por 5 anos e, após esse período, serão descartados, de acordo com a Resolução número 466 de 12 de novembro de 2012.

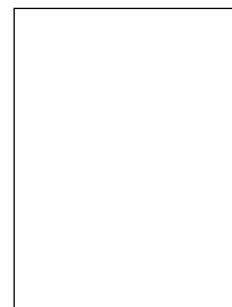
Esclarecemos que a sua autorização e a participação do estudante na pesquisa são voluntários e, portanto, o (a) senhor (a) não é obrigado (a) a fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pelos Pesquisadores. Caso decida não participar da pesquisa, ou resolver a qualquer momento desistir da mesma, não sofrerá nenhum dano. Os pesquisadores estarão a sua disposição para qualquer esclarecimento que considerenecessário em qualquer etapa da pesquisa.

Diante do exposto, eu .....

declaro que fui devidamente esclarecido (a) e dou o meu consentimento para a participação do estudante na pesquisa e para publicação dos resultados. Estou ciente que receberei uma cópia desse documento.

---

Assinatura do (a) Responsável



Espaço para impressão  
dactiloscópica

Atenciosamente,

Contato do Pesquisador (a) Responsável: Caso necessite de maiores informações sobre o presente estudo, favor ligar para a pesquisadora orientadora Prof.<sup>a</sup> Beatriz Prado Pereira: (83) 32167996/ 996161653; [beatriz.pradop@gmail.com](mailto:beatriz.pradop@gmail.com). Departamento de Terapia Ocupacional CCS/UFPB – Cidade Universitária / Campus I. Ou para o Pesquisador Kaique de Abreu Cajú: (83) 998651587; [kaiquexd\\_abreu@hotmail.com](mailto:kaiquexd_abreu@hotmail.com). Departamento de Terapia Ocupacional CCS/UFPB – Cidade Universitária / Campus I. Ou: Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Paraíba Campus I - Cidade Universitária - 1º Andar – CEP 58051-900 – João Pessoa/PB ☐ (83) 3216-7791 – E-mail: [eticaccsufpb@hotmail.com](mailto:eticaccsufpb@hotmail.com)

Obs.: O sujeito da pesquisa ou seu representante e o pesquisador responsável deverão rubricar todas as folhas do TCLE apondo suas assinaturas na última página do referido Termo.

## APÊNDICE II – Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (participantes)

### TERMO DE ASSENTIMENTO

(No caso do menor entre 12 a 18 anos)

Você está sendo convidado (a) como voluntário (a) a participar da pesquisa **O RAP COMO RECURSO DA TERAPIA OCUPACIONAL SOCIAL NAS ESCOLAS**. Nesta pesquisa pretendemos apreender como o rap pode ser utilizado com jovens de escolas públicas como recurso da terapia ocupacional social de forma geral e, especificamente, para a discussão de temas como direitos humanos e diversidade na escola. O motivo que nos leva a realizar essa pesquisa é pautado na perspectiva que o rap se evidencie como um potente recurso da terapia ocupacional para ser utilizado com jovens de escolas públicas para o debate de temas atuais como direitos humanos e diversidade. Tendo como principais benefícios que os estudantes que participarem da pesquisa ampliem seu universo cultural e, por meio do rap, se instrumentalizem a respeito dos direitos humanos e da diversidade na escola, carregando os aprendizados para as relações escolares e sociais cotidianas. Para esta pesquisa adotaremos o(s) seguinte(s) procedimento(s): Serão realizadas por volta de oito oficinas no contraturno das aulas, uma vez por semana, as quais consistirão em, inicialmente, oficinas exclusivas sobre rap, que demonstrarão técnicas de terminações fonéticas e como encaixá-las da melhor maneira na construção das rimas; a importância da escrita; a importância da dicção no rap, sendo exercitado o ato de cantar; estratégias para construir versos de improviso; apresentar a modalidade de Batalhas de MC; apresentar a modalidade de Rap Temático, na qual será o gatilho necessário para prepara-los indiretamente para o segundo momento das oficinas. Posteriormente, será desenvolvido o tema “Direitos Humanos e diversidade na escola”, utilizando o Rap como ferramenta. As oficinas serão registradas por diário de campo, portanto, poderão ser filmadas total ou parcialmente, com a finalidade de auxiliar na construção do diário de campo. Para participar desta pesquisa, o responsável por você deverá autorizar e assinar um termo de consentimento. Você não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Você será esclarecido (a) em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se. O responsável por você poderá retirar o consentimento ou interromper a sua participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendido (a) pelo pesquisador que irá tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo. Você não será identificado em nenhuma publicação. Esta pesquisa apresenta aos sujeitos selecionados que poderão sofrer algum desconforto mediante as questões a eles apresentadas, principalmente, no que se refere à interação social e coletiva com os demais participantes da pesquisa. Apesar disso, caso sejam identificados e comprovados danos provenientes desta pesquisa, você tem assegurado o direito à indenização. Os resultados estarão à sua disposição quando finalizada. Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a permissão do responsável por você. Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de 5 anos, e após esse tempo serão destruídos. Este termo de consentimento encontrasse impresso em duas vias: uma cópia será arquivada pelo

pesquisador responsável, e a outra será fornecida a você. Os pesquisadores tratarão a sua identidade com padrões profissionais de sigilo, atendendo a legislação brasileira (Resolução Nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde), utilizando as informações somente para os fins acadêmicos e científicos.

Eu, \_\_\_\_\_, portador (a) do documento de Identidade \_\_\_\_\_ (se já tiver documento), fui informado (a) dos objetivos da presente pesquisa, de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações, e o meu responsável poderá modificar a decisão de participar se assim o desejar. Tendo o consentimento do meu responsável já assinado, declaro que concordo em participar dessa pesquisa. Recebi uma cópia deste termo de assentimento e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

João Pessoa, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 20\_\_\_\_.

---

Assinatura do (a) menor Assinatura do (a) pesquisador (a)


Em caso de dúvidas com respeito aos aspectos éticos desta pesquisa, você poderá consultar:

Pesquisador (a) Responsável: Caso necessite de maiores informações sobre o presente estudo, favor ligar para a pesquisadora orientadora Prof.<sup>a</sup> Beatriz Prado Pereira: (83) 32167996/ 996161653; beatriz.pradop@gmail.com. Departamento de Terapia Ocupacional CCS/UFPB – Cidade Universitária / Campus I. Ou para o Pesquisador Kaique de Abreu Cajú: (83) 998651587; kaiquexd\_abreu@hotmail.com. Departamento de Terapia Ocupacional CCS/UFPB – Cidade Universitária / Campus I. Ou: Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Paraíba Campus I - Cidade Universitária - 1º Andar – CEP 58051-900 – João Pessoa/PB ☐ (83) 3216-7791 – E-mail: eticaccsufpb@hotmail.com

Obs.: O sujeito da pesquisa ou seu representante e o pesquisador responsável deverão rubricar todas as folhas do TCLE apondo suas assinaturas na última página do referido Termo.

## APÊNDICE III – Folder


# OFICINAS DE RAP




Exclusivo para  
alunos do 9 ano !

TEMA:


## DIREITOS HUMANOS E DIVERSIDADE NA ESCOLA



PRIMEIRA OFICINA  
QUANDO: 06/03, ÀS 09 HORAS  
ONDE: ESCOLA ARUANDA !




---



"O rap é uma ferramenta  
De luta, força e expressão  
O rap é o grito no peito  
Dos desejos de uma nação

O rap é uma aprendizagem  
Em sua eterna construção  
O rap vai juntar lazer  
Como forma de educação".



Lanche: às 11:30, por nossa conta :)

Pesquisador:  
Kaique de Abreu  
Orientadora:  
Beatriz Prado

Contato: →

Tel. (83) 99865-1587  
kaiquexd\_abreu@hotmail.  
com

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA

## APÊNDICE IV – Rap dos Direitos Humanos e diversidade na escola

### Direitos Humanos e Diversidade

No começo do mundo  
Vivíamos em desordem  
Sem Direitos Humanos  
Como viver em ordem?

Teve muita luta  
Entre nossos antepassados  
Muita guerra até os Direitos  
Foram conquistados

Os negros eram escravos  
Disso eu já sei  
Mas poucos sabem que na África  
Eram considerados Rei

Direitos conquistados  
Para nossa sociedade  
Vivemos em harmonia  
Paz, respeito e liberdade

Temos vários direitos  
E isso é verdade  
Direito a educação, saúde  
E liberdade

Direito de escolha  
Mas tem gente que é do mal  
Não respeitam a orientação  
Religiosa e sexual

Gente preconceituosa  
E acha isso normal  
Não é só culpa dela  
É uma herança cultural

Meu cabelo é crespo  
E eu te digo a real  
Isso para você é feio  
Para mim é afrocultural

Minha cor de pele  
Não diminui quem eu sou  
Respeite minha etnia  
Tenho orgulho e dou valor

Sou mulher  
E visto roupa curta  
Isso não é convite  
E não me chame de puta

Me chama de vadia  
To tentando entender  
É porque eu pego geral  
Ou porque eu não pego você?  
Posso ser o que eu quiser  
Posso ser cabelereira  
Posso ser dona de casa  
E também engenheira

Machismo afeta a mulher  
Disso já sabemos bem  
Mas pouca gente questiona  
Que afeta o homem também

Aprendi desde criança  
O homem tem que trabalhar  
E se eu quiser ser dono de casa  
E aprender a cozinhar?

E se eu for em uma festa  
A pressão é natural  
Mas não sou obrigado  
A pegar geral

Muita coisa é imposta  
Muita coisa me incomoda  
Se eu demonstrar sentimento  
Quem disse que homem não chora?

Sou menino, mas não sou  
Obrigado a jogar bola  
Posso brincar de boneca  
De casinha e de roda

Se falar de escola  
É complicado, é lógico  
Muita coisa ta errada  
Existe muito estereótipo

*Bullying* é coisa séria  
Para alguns é “zuação”  
Não sabe o quanto me afeta  
Posso entrar em depressão

É um processo de exclusão  
Existe muito preconceito  
Zuam minha aparência  
Meu cabelo e o meu jeito

Posso ser menina  
E não gostar de rosa  
Gosto de usar preto  
Mas não sou *emo* e nem *gótica*

Na hora da aula  
Nem consigo perguntar  
Eu morro de medo  
Da galera me zuar  
Eu gosto de estudar  
Mas entenda o meu Rap  
Eu não posso demonstrar  
Se não me chamam de *Nerd*

Tem gente que passa colando  
E acha que é sagaz  
Hoje dá um passo para frente  
Amanhã dá dois para traz.